

ASPECTOS DA PECUÁRIA BOVINA NO AMAZONAS: PRODUÇÃO, TRANSPORTE E BENEFICIAMENTO

Máximo Alfonso Rodrigues Billacrês¹
Ricardo José Batista Nogueira²

Resumo

O Brasil, atualmente, é o maior exportador de carne bovina do mundo. A região amazônica tem ampliado sua participação no número de rebanho. Um dos principais fatores, para este caso, é o baixo preço das terras da região em relação às regiões sul e sudeste do país. O estado do Amazonas, dentre os demais, apresenta uma baixa produtividade. A cidade de Manaus apresenta uma das baixas produções de bovinos do Norte do Brasil, mas, devido a abrigar um matadouro federal e amplo mercado consumidor é o destino das produções bovinas no estado do Amazonas. A origem dos bovinos que abastecem Manaus é de diversos lugares, principalmente dos estados vizinhos como o Pará, Rondônia e Mato Grosso. O presente trabalho tem como objetivo mostrar a realidade do gado bovino no Norte do Brasil, enfatizando o Amazonas e Manaus. As técnicas usadas na pesquisa foram trabalhos de campo, levantamento bibliográfico e entrevistas abertas em instituições que trabalham com esta atividade.

Palavras-chaves: pecuária bovina, Amazonas, Manaus.

Abstract

Brazil is currently the largest exporter of beef in the world. The Amazon region has increased his stake in the number of herd. One of the main factors for this case is the low price of land in the region over the regions south and southeast. The state of Amazonas, among others, has low productivity. The city of Manaus has one of the low yields of cattle in northern Brazil, but due to house a federal slaughterhouse and broad consumer market is the fate of cattle production in the state of Amazonas. The origin of the cattle that supply Manaus is several places, mainly from neighboring states such as Para, Rondonia and Mato Grosso. This paper aims to show the reality of cattle in northern Brazil, emphasizing the Amazon and Manaus. The techniques used in the research were fieldwork, literature review and interviews open to institutions that work with this activity.

Keywords: bovine livestock, Amazonas, Manaus.

INTRODUÇÃO

Na Amazônia, o baixo custo da terra em relação às regiões sul e sudeste, fazem da região a principal produtora de bovinos do país, contribuindo para o Brasil aparecer como o maior exportador de carne do mundo.

Dos 80% das áreas desmatadas há o predomínio desta atividade. Ao lado da extração madeireira, a pecuária é a principal responsável pela degradação ambiental na região.

O presente trabalho tem como interesse mostrar a dinâmica de gado bovino na Amazônia, dando ênfase no estado do Amazonas. Inicialmente, o artigo aborda a introdução de bovinos na região amazônica tendo continuidade com os primeiros incentivos fiscais com a atividade. Posteriormente, apresenta a situação atual da pecuária na região, e em seguida aponta o caso no Amazonas afunilando até Manaus.

1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O trabalho teve inicialmente como apoio, o levantamento de bibliografias referentes ao conteúdo, que colaboraram com a formação da discussão teórica, este por sua vez contribuíram como o “Norte” para a construção desta pesquisa, pois diversos trabalhos já foram elaborados referentes á temática, tendo destaque Arima, Barreto e Brito (2005) e Margulis (2003).

Pesquisas em órgãos públicos também foram realizadas, como na Comissão Executiva Permanente de Defesa Sanitária Animal e Vegetal – Codesav e no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Estes por sua vez forneceram dados que colaboraram com a formação dos resultados e discussões, que por meio de gráficos foram expostos aqui no trabalho, como:

Os dados fornecidos são: de números absolutos da população bovina nos municípios do Estado do Amazonas; o número de abates e a origem do gado por municípios para abatedouros em Manaus. Estes dados forneceram os resultados da pesquisa.

Entrevistas com o médico veterinário, de uma das grandes distribuidoras da cidade de Manaus também forneceram subsídios para a construção dos fragmentos dos resultados, pois o seu ponto de vista sobre o mercado de carne e boi que corrobora Manaus contribui para uma das metas do trabalho.

¹ Aluno do 8º período em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas-UFAM. Membro do Núcleo de Pesquisas em Ciências Humanas e Sociais- NPCHS/INPA e bolsista CNPq. Email: billacres@gmail.com.

² Docente do departamento de Geografia da Universidade Federal do Amazonas-UFAM. Doutorado em Geografia Humana (USP). Email: nogueiraricardo@uol.com.br.

2. PECUÁRIA NA AMAZÔNIA: DE 1908 À 1973

Soares (1963) relatou que a Amazônia não oferecia condições ideais para a criação de gado bovino, pois a região não contava com boas pastagens nativas, devido à pobreza do solo e ao clima com altas temperaturas.

O meio amazônico, sujeito aos rigores de altas médias termométricas e excessiva umidade, não oferece condições ideais a criações de gado bovino, chegando a ser impróprio à criação do gado europeu. Tais condições climáticas favorecem a ocorrência de zoonoses e o ataque aos animais por diversos parasitos poucos comuns nas zonas de clima temperado. Além disso, a região não conta, via de regra, com boas pastagens nativas, dada a pobreza observada de seus solos (SOARES, 1963 p.165).

A região não contava realmente com a presença de pastagens adequadas. Neste sentido a floresta era um obstáculo a criação de gado, com as árvores de grande porte impedindo a penetração de luz, não permitindo a formação de vegetação rasteira que formam as pastagens. Josué de Castro (2007) ao estudar a fome na região amazônica expõe a dificuldade da região com a criação de gado:

A floresta é um obstáculo à criação de gado. As árvores frondosas, com as copas cerradas impedindo completamente a penetração da luz, não permitem o crescimento da vegetação rasteira que forma as pastagens. Por outro lado, o clima, com seu excesso de umidade, predispõe o gado à ação maléfica dos insetos transmissores de doenças que o afetam duramente (CASTRO, 2007 p. 47).

O rebanho bovino existente na região é o resultado da adaptação do gado introduzido pelos colonizadores portugueses, lançando a chamada raça crioula ou “Pé- duro”, tendo como predado o pequeno porte e pouco peso (SOARES, 1963). Porém, o gado apresentando estes aspectos não se tornava propício para a região, pois não abastecia suficientemente os habitantes, devido a pouca carne oferecida e ao leite pouco gorduroso.

Com o pouco peso (150 a 250 quilos) o gado era fraco, morria rápido, devido as doenças contaminadas. A solução foi o cruzamento do gado crioulo com mestiços de raças indianas havendo melhoras a principal o aumento de peso.

De acordo com Soares (1963) ocorreram outros cruzamentos, maior ou menor com raças Guzerate, Nelore, Gir e Indubrasil. Contudo, o Zebu com fácil aclimação, devido a sua rusticidade, veio melhorar a o rebanho amazônico, fazendo com que os fazendeiros de mais recursos financeiros importassem do sul do país reprodutores desta raça para melhorar os seus rebanhos.

O zebu teve maior destaque na ilha de Marajó, devido as suas características, tornado-se um recurso econômico sábio, pois o gado vivia na ilha, em pantanais, terras inundáveis periodicamente pelas enchentes, com isso sujeitavam os fazendeiros a longas caminhadas a procura de locais mais altos.

Os campos de Marajó, Rio Branco, Mato Grosso e Goiás eram as poucas áreas de campos abertos em que se limitava a pecuária (CASTRO, 2007). Essas áreas de concentração bovina tornavam difícil o abastecimento da região, pois criava um sério problema de transporte, que na Amazônia era um obstáculo:

Estima-se em mais de 1 milhão de cabeças a população bovina da Região Norte (1950), da qual aproximadamente 50% se encontram nos campos de Marajó e 15% nos campos do Rio Branco. A ausência de charqueadas e frigoríficos na região, faz com que somente 6% do seu rebanho sejam aproveitados, pois, o gado é levado vivo aos centros de consumo e em quantidades insuficiente para abastecê-los, enfrentando as maiores dificuldades de transportes (SOARES, 1963 p. 171).

Acontece que o gado estava limitado em poucas mãos e sua distribuição era de forma desigual, devido às dificuldades de transporte:

Enquanto a parte amazônica de Goiás dispõe de cinco cabeças de gado por habitante, o estado do Amazonas pode contar com seus limites com um quarto de boi. Se no território do Rio Branco há, estaticamente, 9 bois para cada habitante, no Pará só é possível conseguir-se 2/3 por pessoa. E o que acontece é que tais rebanhos estão concentrados em poucas mãos (CASTRO, 2007 p.48).

Os empecilhos encontrados como transporte e a floresta dificultaram os abastecimentos de carne e de leite, sendo esta falta de fornecimento a deficiência da exploração pecuária na Amazônia. Segundo Castro (2007) “O leite existe apenas para algumas poucas cidades importantes, que contam com o abastecimento embora reduzido e sem controle sanitário”.

A melhora e a propagação dos rebanhos bovinos possibilitariam para a região o abastecimento de carne, leite e derivados, como contribuiria também para a economia amazônica com as exportações. As melhoras ocorreram com a introdução do búfalo de raça *bos bubalus*, bovívdeo com a capacidade de resistência ao clima amazônico, em Marajó e no território do Amapá viviam em currais de campos alagados, a beiras de lagos.

Os búfalos apresentaram maior porcentual de carne e gordura no leite, resistência as doenças na região proporcionadas pelas alagações periódicas, resistência física as áreas de pântanos, sendo indicada como as espécies mais recomendadas a criação na várzea amazônica.

Considerando estas razões, “o Instituto Agrônômico do Norte importou diretamente da Índia exemplares selecionados desses bovídeos” (SOARES, 1963), acontecendo em Marajó, principalmente, esta proliferação e até mesmo em alguns casos a substituição pelos búfalos.

No entanto, o grande obstáculo continuava a ser as precariedades dos pastos e as periodicidades das águas incorporadas com a exploração extensiva dos fazendeiros.

Esta precariedade deve em relação á campos abertos em terras firmes, pois são solos considerados pobres, ou seja, com pouco valor nutritivo para o gado. Tendo como alternativa o deslocamento do gado para as várzeas, porque onde encontravam as melhores pastagens, no entanto, o problema das enchentes tinha que ser contornados.

Dois alternativas foram encontradas, a primeira a longas caminhadas com o gado à procura de lugares mais altos, como citado anteriormente, e a segunda alternativa seria as marombas (currais flutuantes), em ambos os casos a uma perda de renda para o fazendeiro, pois o gado perde peso.

Na primeira solução, o gado é alimentado pelas pastagens de terras firmes com pouco valor nutritivo, enquanto nas marombas, o gado é alimentado com a Canarana, gramínea de grande porte, que é levado até a boca do animal para alimentá-lo. Recolhido na marombas o gado é maltratado pela longa imobilidade, pela ausência de espaço e pela excessiva umidade e muitas vezes morrem.

A exploração extensiva também se tornava um entrave para a pecuária na Amazônia, pois havia um descuido com os cuidados veterinários, pequena parte do rebanho recebia somente estes medicamentos que protegiam contra as epizootias.

Não seria exagero dizer que não existe na Amazônia qualquer *tipo zootécnico* definido de gado e o exame das aptidões que possuem não fornece indicações de que tais tipos possam estabilizar-se em curto prazo, malgrado os serviços que hoje, com a colaboração da SPVEA, o Instituto de Zootecnia realiza em Marajó, objetivando o melhoramento do gado através de práticas de inseminação artificial e controle de epizootias (CASTRO, 2007 p. 48)

Deste modo, a pecuária na região que é o resultado da introdução de gado pelos portugueses, teve vários empecilhos: floresta, clima, transporte. No entanto, com as adaptações, a pecuária extensiva da região tornou-se uma das principais fontes de economia da Amazônia, tendo o auxílio para seu crescimento o desmatamento.

3. PROJETOS AGROPECUÁRIOS

Considera-se importante observar os projetos agropecuários na Amazônia, devido o emprego do solo na região, como criação de gado (o que interessa) que no início não teve grande especulação, simplesmente utilizado para assegurar a posse de terra pelos proprietários e extração de celulose.

Referente á criação de bovinos e búfalos, um dos planos do projeto Jari, tinha como meta alcançar um rebanho de 80.000 cabeças visando à futura industrialização de carne, para consumo regional e exportação (OLIVEIRA, 1995).

Estes projetos foram uma estratégia militar de patrocinarem o acesso pela terra amazônica pelos grandes grupos financeiros. Maneira fácil de internacionalizar a região, com o lema de “integrar para não entregar” (OLIVEIRA, 1991). Este lema proposto com a meta de povoar os chamados “vazios demográficos” da região Norte fez com que o governo federal, construísse rodovias, as quais a BR-364 Belém-Brasília e parte da transamazônica (BR-230) fossem efetivadas, fatores que beneficiaram a expansão da pecuária (SMERALDI, MAY, 2008).

Os projetos agropecuários foram, na verdade, uma maneira de malversação do dinheiro público. Apesar da má administração do dinheiro, foi um dos primeiros incentivos financeiros para a exploração de pecuária na região.

Os projetos tiveram incentivos da SUDAM, antiga SPVEA, que por meio desta modificação de órgãos públicos, o governo viabilizava estratégias de desenvolvimento regional, com a lógica de valorização da Amazônia. A maioria dos projetos agropecuários financiados pela SUDAM estava concentrado nas faixas de transição da floresta, entre o cerrado, mata de terra firme e a floresta semi-úmida no vale do Araguaia (OLIVEIRA, 1995).

As propagandas, às vezes exageradas, ofuscavam os pecuaristas da região, para a farsa que existia. Segundo propagandas do governo Médice a Amazônia deveria ter o maior rebanho bovino do mundo (OLIVEIRA, 1995). E outras diziam que Belém seria o maior exportador de carne do mundo, superaria até Chicago:

Muitas foram as promessas feitas pelos pecuaristas da Amazônia (que se organizaram na “Associação dos Empresários Agropecuários da Amazônia”, hoje apenas “Associação dos Empresários da Amazônia), dentre elas aquela de que, com os projetos agropecuários, Belém seria transformada no maior exportador de carne do mundo, superando, pois Chicago-EUA (OLIVEIRA, 1995 p.67)

Os primeiros projetos agropecuários datam de 1966, entre eles: CODESPAR, Cia. Agropastoril do Araguaia, Cia. Agropecuária Nazareth, Agropecuária Suiá- Missu S/A (OLIVEIRA, 1995). Os três primeiros do Estado do Pará e o último do Estado do Mato Grosso. No entanto, o que teve maior destaque foi a Cia. de Desenvolvimento Sul do Pará (CODESPAR), pois a Volkswagen também teve um projeto aprovado no sul do Pará.

Em 1985 (OLIVEIRA, 1995) a distribuição dos projetos agropecuários tinha como os três primeiros colocados os Estados, do Pará, Mato-Grosso e Goiás, respectivamente, somando 81% dos projetos da Amazônia.

A superioridade dos projetos agropecuários concentrados nas regiões do Pará, e a parte do Araguaia goianense, e mato-grossense, deveram-se pelo fato da maior concentração de bovinos nessas regiões, que abasteciam a Amazônia. Goiás e Mato-Grosso apesar de abastecerem a região eram pontos de difícil acesso (CASTRO, 2007). Enquanto o Pará exportava gado para o Amazonas, Acre, e Guianas (SUDAM, 1966).

Segundo cálculos dos técnicos da SPVEA, a Amazônia dispõe hoje, de apenas dois quintos do rebanho ideal capaz de fazer alimentar convenientemente suas populações. Esse rebanho, no entanto, como já se viu, encontra-se estrategicamente concentrado em pontos de difícil acesso para o abastecimento dos maiores centros populacionais da Amazônia, e cerca de metade da população bovina está localizada em Goiás e Mato-Grosso (CASTRO, 2007 p. 47).

Os projetos agropecuários na Amazônia compunham parte de planos financeiros de integração da região com o restante do país, tendo como real motivo a sua entrega, por meio das expropriações e monopólios dos grandes grupos econômicos, maiormente estrangeiros.

Os sugestivos planos a pecuária tinham como pretexto o aumento do rebanho bovino na região, para tornar a Amazônia a maior exportador de carne do mundo. Competindo com os principais territórios de concentração bovina que se dirigem na região centro- sul do país, esta por sua vez ligada com os maiores mercados urbanos das regiões metropolitanas e as exportações de carne (OLIVEIRA, 2002). Contudo, estes projetos não passaram de escudos para a lavagem de títulos de terra e dinheiro público.

Por meio dos reais motivos, que foram escondidos no início dos projetos, os planos agropecuários não atingindo as metas esperadas, foram os primeiros incentivos a pecuária na região. Esta que por sua vez, foi crescendo a sua exploração tornado-se uma fonte de renda para a Amazônia, por ser um investimento de baixo risco.

4. PECUÁRIA NA ATUALIDADE: DEGRADAÇÃO AMBIENTAL, RENDA.

A relação da Amazônia com a pecuária acontece de forma extensiva, sem grandes incentivos fiscais, esta atividade na região tornou-se a mais rentável, porém a sua exploração tem ocasionado grandes impactos ambientais, como o desmatamento.

A partir de 2003 o Brasil tornou-se o maior exportador de carne do mundo (Figura 1). E as sua importações vem reduzindo a cada ano, as principais importações são oriundas do Paraguai e da Argentina, mas o volume total importado é inexpressivo em relação às exportações brasileiras (MAPA, 2007). O rebanho bovino da Amazônia tem a maior contribuição para este fato. A Amazônia legal de 1990 e 2003 teve o aumento no seu rebanho de 140%, passando de 26 milhões de cabeças para 64 milhões (ARIMAR, BARRETO, BRITO, 2005).

Com esse aumento houve na região o maior consumo de carne, e a Amazônia tornou-se uma exportadora líquida deste derivado bovino para outros estados brasileiros (ARIMAR, BARRETO, BRITO, 2005). Contudo, o nosso consumo de carne tem financiado a devastação ambiental (SCHLICKMAN, SHAUMAN, 2007).

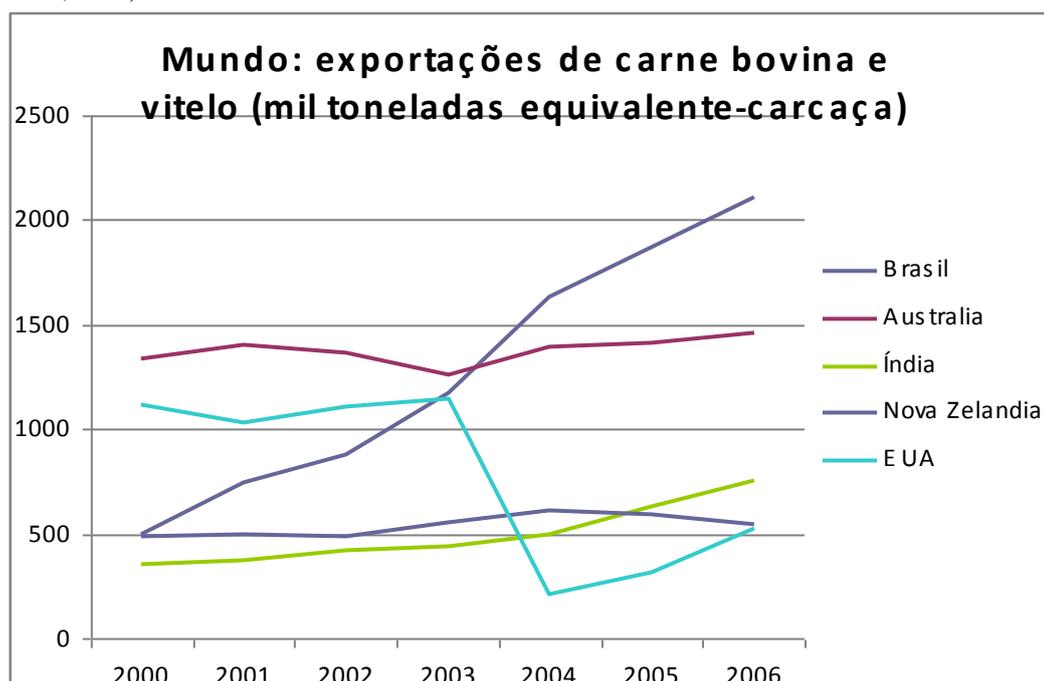


FIGURA1: Principais países exportadores de carne bovina e vitelo

FONTE DE DADOS: MAPA, 2007

ORG: Máximo Alfonso

De acordo com Mattedi (*apud* SCHLICKMAN, SHAUMAN, 2007): “A expansão da pecuária é a principal causa do acelerado processo de desmatamento da Amazônia.” Sendo este impulsionado pelos pecuaristas de média e grandes escalas (MARGULIS, 2003).

Nas palavras de Oliveira (1995), ao estudar monopólio, expropriação e conflitos na Amazônia, podemos notar que a devastação na região, tem a pecuária e a exploração de madeiras como principais fatores:

Este processo de devastação anda “de braços dados” com a expansão da pecuária na região, pois costuma-se dizer por lá entre os madeireiros que eles são os “soldados dos pecuaristas”. Mas não são os madeireiros os únicos devastadores da floresta, os grandes pecuaristas são talvez os maiores da atualidade (OLIVEIRA, 1995 p.12).

O fato é que o gado na região não tem manejo, ocasionando maior degradação no solo, e o aumento de derrubadas de árvores para abertura de novos pastos. A abertura de novos pastos possui diversas implicações ambientais como o comprometimento da biodiversidade e o aumento dos processos erosivos e de desertificação (SCHLICKMAN, SHAUMAN, 2007).

A figura 2 mostra a relação entre o consumo de carne e o desmatamento. A ocupação da pecuária corresponde 75% das áreas desmatadas (MARGULIS, 2003). Ao lado das queimadas de pastagens e fermentação entérica do gado, o desmatamento é uma das contribuições da pecuária para a emissão de gases estufa (SMERALDI, MAY, 2008).

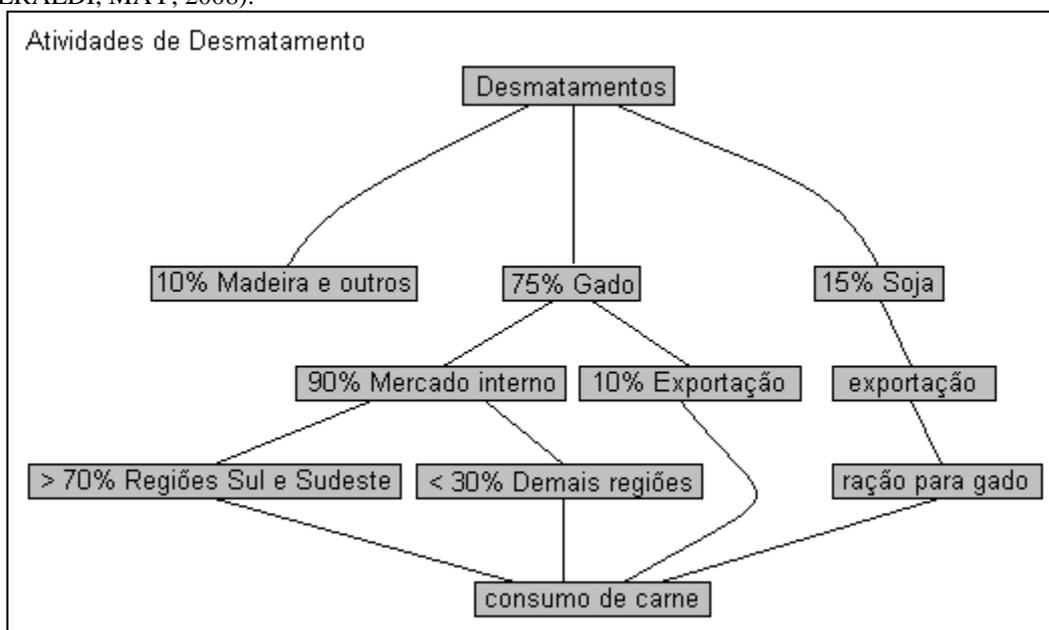


Figura 2: Ligação entre o consumo de carne e o desmatamento

Fonte: SCHLICKMAN, SHAUMAN, 2007

Estudos indicam que a pecuária apresenta baixas taxas de retorno, ficando uma lacuna para ser explicada. Como esta atividade continua crescendo na região, sem incentivos fiscais?

De acordo com Faminow (*apud* ARIMA, BARRETO, BRITO, 2005) o desenvolvimento da pecuária está relacionado ao isolamento geográfico da Amazônia e aos altos custos do transporte dos produtos pecuários do sul e do sudeste do Brasil para a região.

Margulis (2003) e Arima (2005) indicam que o crescimento deve-se pelo fato da disponibilidade de terras baratas, a lucratividade do ponto de vista privado, as condições geológicas favoráveis a pecuária, e os subsídios naturais e financeiros, pois, o acesso as terras públicas são relativamente fáceis e a baixa aplicação da lei florestal permitem a exploração ilegal da madeira e parte desses investimentos é convertida para a pecuária. A inexistência de atividade alternativa á pecuária e os baixos riscos que ela apresenta também devem ser acrescentados como fatores para o crescimento desta atividade.

A atividade tornou-se lucrativa devido ao baixo preço da terra, ou simplesmente à sua ocupação sem custo. A venda de madeira extraída na própria área produzia recursos suficientes para realizar o desmatamento, a queimada, a plantação da pastagem e ainda a aquisição do gado necessário para iniciar o rebanho, de acordo com um modelo que se segue ate hoje. O proprietário usufrui da fertilidade proveniente das cinzas da queimada por alguns poucos anos e depois converte nova área florestal em pasto (SMERALDI, MAY, 2008 p. 11-12).

A lucratividade, citada como um dos fatores para o crescimento da pecuária existe do ponto de vista privado, onde atuam os médios e grandes pecuaristas, sendo eles o “motor” do desmatamento da Amazônia. Esses lucros estão localizados na fronteira consolidada (MARGULIS, 2003). Área onde se localiza os maiores

rebanhos da região, devido às favoráveis condições geoecológicas, como: a pluviosidade, a temperatura e o ar que garantem a alta produtividade da pecuária.

A fronteira consolidada corresponde a Amazônia Oriental onde há a presença da pecuária profissionalizada, enquanto a Amazônia Ocidental devido às condições naturais, como: floresta ombrófila densa com altos índices de pluviosidade torna a agricultura e a pecuária inviável, possuindo a exploração de nutrientes como principal atividade econômica, sendo denominada de fronteira especulativa, pois possuem a pecuária de baixa intensidade como alternativa de renda, buscando conseguir custos de oportunidades com a pequena produção.

O “motor” dos desmatamentos da Amazônia, o médio e grande pecuarista teve e tem a contribuição dos pequenos produtores, aos quais estes atuam como mão-de-obra (MARGULIS, 2003). Tendo como outra forma de interação a venda de bezerras para o processo de recria/ engorda, fazendo com que o pequeno proprietário torne-se o “sustentáculo” desse sistema de produção pecuário (SMERALDI, MAY, 2008).

Os auxílios naturais e financeiros incluem o fácil acesso ao capital natural da floresta e o crédito público subsidiado. A exploração de madeira junto com a terra tem sido o capital natural mais acessível à região, pois, o rápido e bom retorno financeiro da pecuária, faz com que proprietários rurais vendam madeira e invistam em tecnologias para a pecuária (ARIMA, BARRETO, BRITO, 2005).

Os auxílios financeiros com que os pecuaristas contam, tornam os investimentos na região ainda mais vantajosos, os principais financiadores usados na Amazônia legal são: Financiamento do Norte, usados nos estados da região norte e o Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste, disponível em Mato-Grosso (ARIMA, BARRETO, BRITO, 2005).

Segundo Margulis (2003) dois pontos de vista são formados em relação ao crescimento da exploração de gado com as áreas desmatadas: ponto de vista social e ambiental. O social são os benefícios, relacionados com a pecuária, como os altos lucros privados dos pecuaristas e as melhoras socioeconômicas das populações locais ou mesmo da população nacional.

Do ponto de vista ambiental, os custos dos desmatamentos são significativos, superando inclusive os benefícios privados da pecuária. Os impactos ambientais do crescimento da pecuária também atraem a atenção internacional e podem ser usados como obstáculos contra a exportação de carne da região (ARIMA, BARRETO, BRITO, 2005).

Estudos como Arima (2005), Margulis (2003), Smeraldi (2008) entre outros revelam que a pecuária na região tende a crescer, devido a vários fatores, como: o menor preço da carne, já alcançado devido ao aumento da pecuária na região, o controle da aftosa que extingue as barreiras e expande o mercado, aumentando a demanda pelo produto (carne e leite), as tecnologias implantadas na região para maior produtividade e outros fatores fazem com que o rebanho bovino (e bubalino) aumente na região.

A queda do preço da carne na região é logicamente devido ao aumento de rebanho, entretanto este fator teve como ajuda a facilidade de ocupação de terras na Amazônia, pelas formas já citadas anteriormente, porém há um empurrão das regiões Sul e Sudeste para este aumento de cabeças de gado.

Isto se deve pelo fato da região apresentar preços de pastagens mais baratos em relação ao sul e ao sudeste, estas regiões por sua vez apresentam altos preços em suas pastagens, devido, elas apresentarem condições para a agricultura mecanizada. Tornando-se mais lucrativas para a região, este tipo de produção, pois houve o aumento dos preços dos grãos apresentando maiores ganhos de produtividade (ARIMA, BARRETO, BRITO, 2005).

As ameaças de febre aftosa também nestas regiões e a liberação da região amazônica para fins de controle da aftosa colocaram a Amazônia em pé de igualdade com as outras regiões do país (SMERALDI, MAY, 2008).

Segundo o MAPA (2007) para atender o mercado brasileiro e internacional é preciso atender cinco critérios de eficiência, sendo: qualidade, pontualidade, flexibilidade/ diversidade, custo e rapidez/agilidade. Em termos de qualidade é preciso respeitar as normas de vigentes de sanidade e higiene.

Na questão flexibilidade, há de se construir a possibilidade de gerar produtos diversos sem custos ou tempo de obtenção adicionais. Aos custos são aspectos que devem ser considerados, sendo o foco de atenção nos diferentes elos da cadeia.

A busca por rapidez e agilidade deve ser uma meta para toda a cadeia no sentido de desenvolver fluxos de informação e produto de maneira diferente.

Nestes termos as tecnologias implantadas na região aumentaram e aumenta a cadeia produtiva de carne na Amazônia e no Brasil, evoluindo a capacidade industrial, sendo este uma causa e consequência da expansão pecuária na região. Tanto a pecuária de leite como a pecuária de corte, pequenos e médios empreendimentos agroindustriais se estabelecem na medida em que a pecuária cresce. Aumentando a sua produtividade e com isso a lucratividade.

Muitos fatores levaram que a pecuária na região se expandisse, fazendo com que o Brasil fosse o primeiro colocado nas exportações de carne no mundo, tendo a Amazônia Legal parcela de responsabilidade, pois é a região com maior rebanho no país.

5. O AMAZONAS: PECUÁRIA, EVOLUÇÃO DO REBANHO E PRODUTIVIDADE.

OS DADOS SOBRE A PECUÁRIA DO AMAZONAS ESTÃO RELACIONADOS NOS ESTUDOS DE: MARGULIS (2003), ARIMA (2005) e Smeraldi (2008). E dados coletados em órgãos públicos da Comissão Executiva Permanente da Defesa Sanitária animal e Vegetal (CODESAV) e o ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

O Amazonas se enquadra nos Estados da Amazônia com baixa produtividade na pecuária. De acordo com Arima, Barreto e Brito (2005) a baixa produtividade dos estados com menor população bovina, deve-se por três motivos.

O primeiro é responsabilizado pelos desmatamentos e queimadas dos ocupantes iniciantes, que não investem na limpeza apropriada do solo. Dessa forma, os pastos iniciais competem com os tocos e rebrotos da vegetação primária. O segundo motivo seria a ocupação de terras de baixo potencial agropecuário, especialmente em áreas com alta pluviosidade e ocorrência de solos de baixa fertilidade ou mal drenados.

A alta pluviosidade pode afetar a pecuária de varias maneiras como: a incidência de plantas invasoras, os altos custos de manutenção de estradas, a perda mais rápida de nutrientes por lixiviação, erosão e alta incidência de pragas e doenças.

Finalmente o terceiro motivo resulta da degradação das pastagens, devido à compactação do solo, à baixa resistência da espécie de capim plantada inicialmente e ao esgotamento dos solos em regiões de ocupação antiga.

Outro fator, que se aqui destaca é pelo relevante papel da floresta do Estado de estabilizador termodinâmico do planeta, contribuindo para o resfriamento da terra, e reafirmando o papel do Amazonas no processo de minimização dos impactos das variações climáticas do planeta, isso em decorrente das menores taxas de desmatamento do Estado em relação à Amazônia legal. Considerou-se que o Amazonas possui 150 milhões de hectares sendo 130 milhões ocupados por florestas e os demais 20 milhões de hectares por lâminas de água, áreas degradadas e espaços urbanos e rurais (FREITAS, 2008).

De acordo com Freitas (2008):

Este cenário de preservação ambiental no Amazonas resulta de diversas ações estaduais e federais na região, com destaque para as políticas de desenvolvimento econômico e humano assentados no princípio de sustentabilidade econômica, social e ecológica... (p.62, 2008).

E para suprir as necessidades, por exemplo, de carne no Estado, o Pará, Rondônia e Tocantins abastecem o Amazonas com suas exportações. O abastecimento de animais vivos a demanda é suprida por Rondônia, Acre, Roraima e Pará, pois o Amazonas não possui um rebanho que atenda a demanda interna (ARIMA, BARRETO, BRITO, 2005). O que se torna destaque nesses exportadores é o transporte de animais vivos de Roraima, apesar de não vender carne para outros Estados, sua produção é auto-suficiente e comercializa animais vivos para o Amazonas, no mercado de Manaus.

As estradas como já citada, são os fortes atrativos para o crescimento da pecuária na região, devido ao custo mais barato e a facilidade do transporte, mas o transporte de balsas pelos rios são os mais frequentes no Estado do Amazonas.

De acordo com Arima (2005) o Amazonas foi um dos estados brasileiros com menores taxas de crescimento com produto pecuário, no entanto, o estado teve uma evolução no seu rebanho bovino como mostra a figura 3:



Figura 3: Evolução do rebanho Bovino no Amazonas

Fonte: Amigos da terra- Amazônia Brasileira, 2008, com base nos dados do IBGE

Org: Máximo Alfonso Rodrigues Billacrês, 2010

A evolução do rebanho bovino no Amazonas, como nos outros estados da região amazônica deve-se pelo o aprimoramento das tecnologias direcionadas para a pecuária. Tendo como consequência o aumento da população bovina na região (MARGULIS, 2003).

A evolução da pecuária na região contribui com a diminuição dos custos de carne, pois o aumento da tecnologia colaborou com a evolução de gado na Amazônia crescendo o número de cabeças de gado por habitante. Isso levou o aumento de abate gado na região, e o Amazonas não fugiu a essa regra.

No Amazonas os 62 municípios possuem população bovina. São 18.512 propriedades rurais com bovídeos, existindo cerca de 1.329.526 de bovinos no estado do Amazonas. No estado, oito municípios aparecem com a população bovina acima de 50.000 (figura 4).

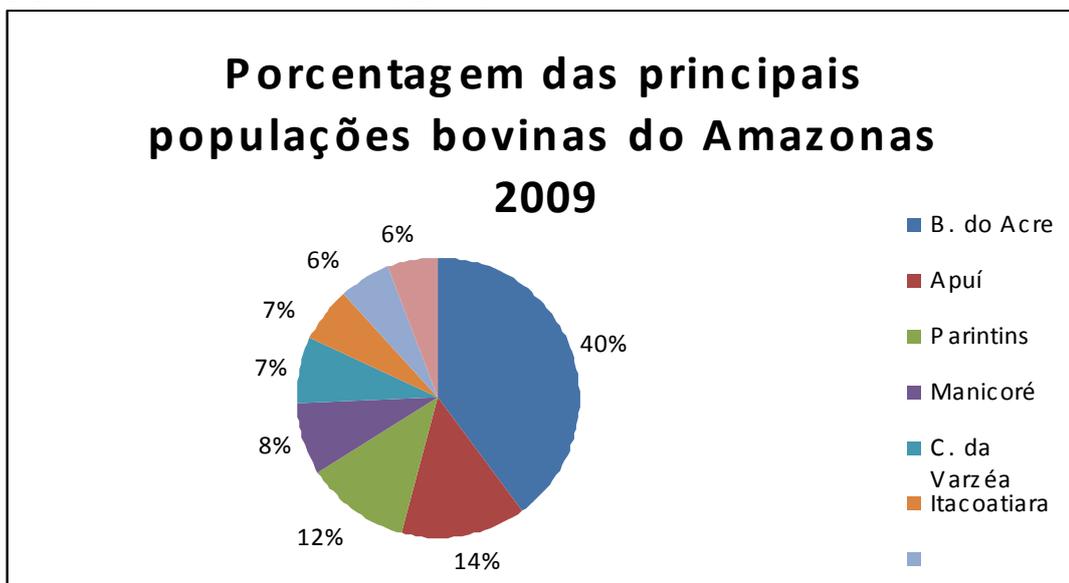


Figura 4: Populações Bovinas do Amazonas

Fonte: Codesav, 2009

Org Máximo Alfonso Rodrigues Billacrês

Os municípios de maiores concentrações de bovinos, principalmente os quatro primeiros localizam-se nas áreas de fronteiras com os principais Estados que abastecem o Amazonas, enquanto os menores produtores pecuaristas vão se distanciando das fronteiras. (FIGURA 5).

O município da Boca do Acre aparece com o maior percentual de bovinos do Amazonas, devido a sua proximidade com o Estado do Acre que abastece o Amazonas com a exportação de carne e animais vivos, sendo estes em menor quantidade (ARIMA, BARRETO, BRITO, 2005). Enquanto o município de Apuí, segunda maior concentração de bovinos do estado apresenta proximidade com o Estado de Mato-Grosso, tendo a sua alta população bovina explicada pela a comercialização de animais vivos com este estado (IBID, 2005).

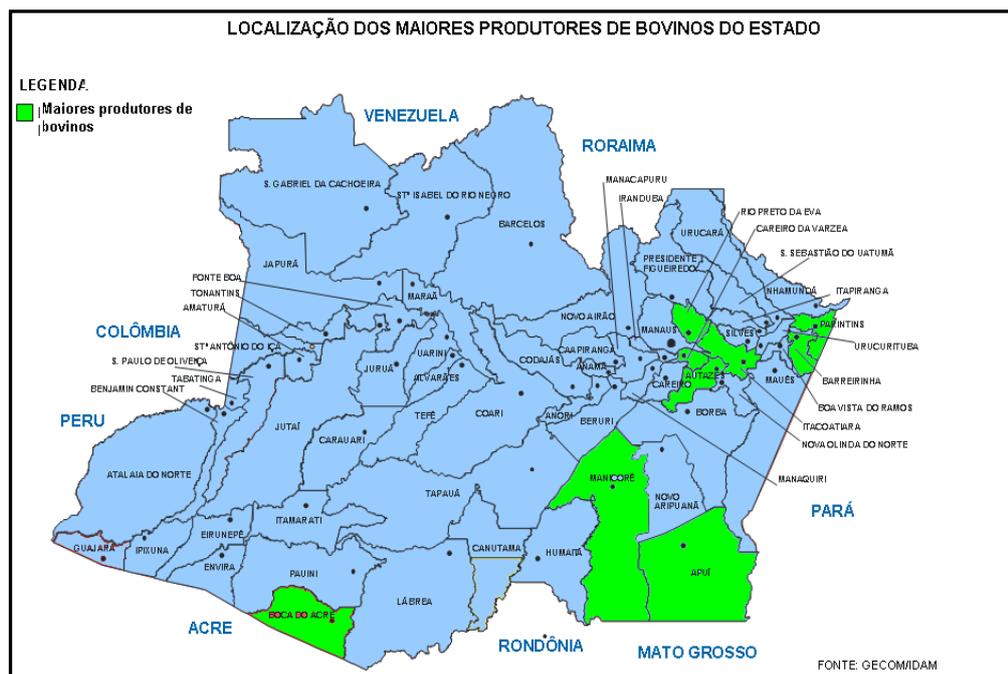


Figura 5: Localização dos maiores produtores de bovinos do estado.

Org: Máximo Alfonso Rodrigues Billacrês

Parintins, fronteira do Amazonas com o Pará, teve seu progresso na concentração de bovinos devido esta proximidade com os pecuaristas paraenses que comercializam animais vivos com o município. Pois o comércio desses animais com Manaus representa a perda de quilos por animal durante a viagem,

Manicoré, situado ao sul do Amazonas, tem a sua concentração de bovinos entre as maiores do estado, pois o sul do município é fronteira com o Estado de Rondônia, com o município de Machadinho d' Oeste que abastece o município e o estado.

O Careiro da Várzea tem sua concentração de bovinos localizados em maior parte na várzea, o seu destino é para Manaus onde é abatido e comercializado. Autazes e Barreirinhas cada um apresenta 6% da população bovina no estado, ou seja, apresentando um pouco mais que 50.000 bovinos no município.

Em relação á circulação dos 1.319.188 de bovinos do Estado, o maior porcentual dos bovinos possui circulação interna, para as atividades de abate, engorda, reprodução, leilão, exposição e outras atividades (FIGURA 6).

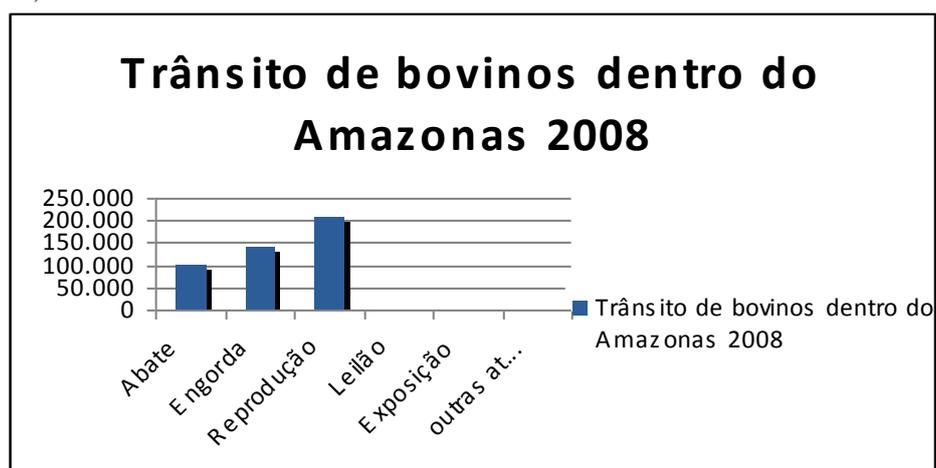


Figura 6: Trânsito de Bovinos no Amazonas

Fonte: Codesav, 2009.

Org: Máximo Alfonso Rodrigues Billacrês

Os bovinos que são abatidos no Estado são de diversas origens, os dos próprios municípios do Amazonas, como: Manaus, Itacoatiara, Careiro da Várzea, Apuí, Autazes, Parintins, Barreirinha, Boca do Acre entre outros. Devido à proximidade dos municípios do Pará, como: Óbidos, Monte Alegre e Oriximina e Roraima por meio da BR 174 os animais também são abatidos no Amazonas.

Estes animais para abate, dependendo do grau de industrialização e a quantidade, possuem diferentes rotas de comercialização, sendo a maioria para o abastecimento do próprio estado. O Amazonas comercializa carne congelada sem osso para Rondônia. A tabela 1 do ano de 2008 pode melhor detalhar este processo, neste ano foram abatidos 81.428 bovinos.

De acordo com Smeraldi e May (2008) o abate de bovinos destinados ao mercado local (região amazônica) é geralmente o abate de vacas enquanto o abate de boi é destinado ao mercado nacional (sul, Sudeste e Nordeste). O número significativo de abate de bubalinos é pelo fato de seu potencial protéico, pois a sua carne é mais gordurosa que a do bovino, porém é menos macia.

O Amazonas, devido, o aumento no rebanho e na produção de bovinos da Amazônia associados á uma verdadeira explosão de exportações teve em seu território uma evolução no abate de bovinos (FIGURA 7).



Figura 7: Evolução de abates no Amazonas

Fonte: Smeraldi e May (2008) e * dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e abastecimento.

Org: Máximo Alfonso Rodrigues Billacrês.

No entanto, nos anos de 2006 e 2007 as taxas de crescimento anual dos rebanhos bovinos e de abate foram negativas, tanto no Brasil quanto na Região Norte (com destaque no Amazonas) e na Amazônia legal, isso em decorrência: a) do aumento de abate de fêmeas ocorrido em 2003 e 2006, reduzindo animais de reposição, b) o aumento da taxa de abate no Brasil no período, estimulado pela recuperação dos preços de abate, e c) da redução das taxas de desmatamentos na Amazônia Legal. (VALENTIM, ANDRADE, 2009).

Smeraldi e May (2008) definiram que na Amazônia operam 200 abatedouros, contudo apenas 87 com alguma legalidade industrial que permita comercializar com outros Estados, sendo a maioria completamente sem controle ou apenas com controle municipal ou estadual.

No Amazonas, segundo a Comissão Executiva Permanente de Defesa Sanitária Animal e Vegetal (2009) existem cinco estabelecimentos legalizados, sendo 4 com controle estadual e um com controle federal (TABELA 2).

Estabelecimento	Código do Estabelecimento	Município
Matadouro – Frigorífico de Manaus-FRIG	S.I.E: 001	Irlanduba
Matadouro - Frigorífico Bovinorte	S.I.E: 003	Itacoatiara
Matadouro- Frigorífico Italia	S.I.E: 016	Manaus
Matadouro – Frigorífico Frigo Amazonas	S.I.E: 018	Boca do Acre
Matadouro – Frigorífico Amazon Boi	S.I.F: 3165	Manaus

Tabela 2: Estabelecimentos legalizados no Amazonas

Fonte: Codesav ,2009

Org: Máximo Alfonso Rodrigues Billacrês

A concentração de grandes redes de supermercados, na região Amazônica ocasionou grandes mudanças relacionadas com a cadeia de carne, pois esses se tornaram grandes compradores, ocupando o lugar de muitos açougues de bairro e também tendem a se concentrar progressivamente. No Amazonas esses supermercados acabaram ocasionando a evolução dos rebanhos no estado.

Em busca de aumento de bovinos, acontece no Amazonas, a expulsão de pequenos produtores rurais de suas propriedades. Conflito entre pequenos agricultores e pecuaristas tem sido freqüente devido à invasão do gado sobre a lavoura (NODA, NODA 1994). Estes acontecimentos são a procura terras para o maior investimento para a atividade, buscando maiores lucros, pois o comércio dos produtos pecuários vem desenvolvendo.

O Amazonas, com baixa produtividade de pecuária, tem seu desenvolvimento ligado às concentrações de frigoríficos, a crescente influência das redes de supermercados e o expansivo aumento da capacidade industrial, sendo este tanto causa como consequência da atividade pecuária. Todos estes fatos atingiram todos os Estados da região e com o Amazonas não foi diferente.

6. PRODUÇÃO E BENEFICIAMENTO DE CARNE EM MANAUS

Na capital do Estado a população bovina existente é de 6.811 cabeças, mas devido à vacinação do gado, somente 6.791 é utilizada para o comércio. E esses bovinos são distribuídos entre 317 propriedades rurais, incluído búfalos, todas com registro de vacinação.

Manaus possui dois estabelecimentos legalizados industrialmente, um de controle estadual e outro com controle federal, porém ela não possui um gado bovino acima de 10.000, com isso a cidade possui o papel de distribuidora de carne do Estado.

Neste sentido, a capital torna-se o destino da maioria dos bovinos do estado, sendo assim, é Manaus que organiza a dinâmica espacial bovina do Amazonas. (FIGURA 8)

DINÂMICA ESPACIAL BOVINA DO ESTADO DO AMAZONAS

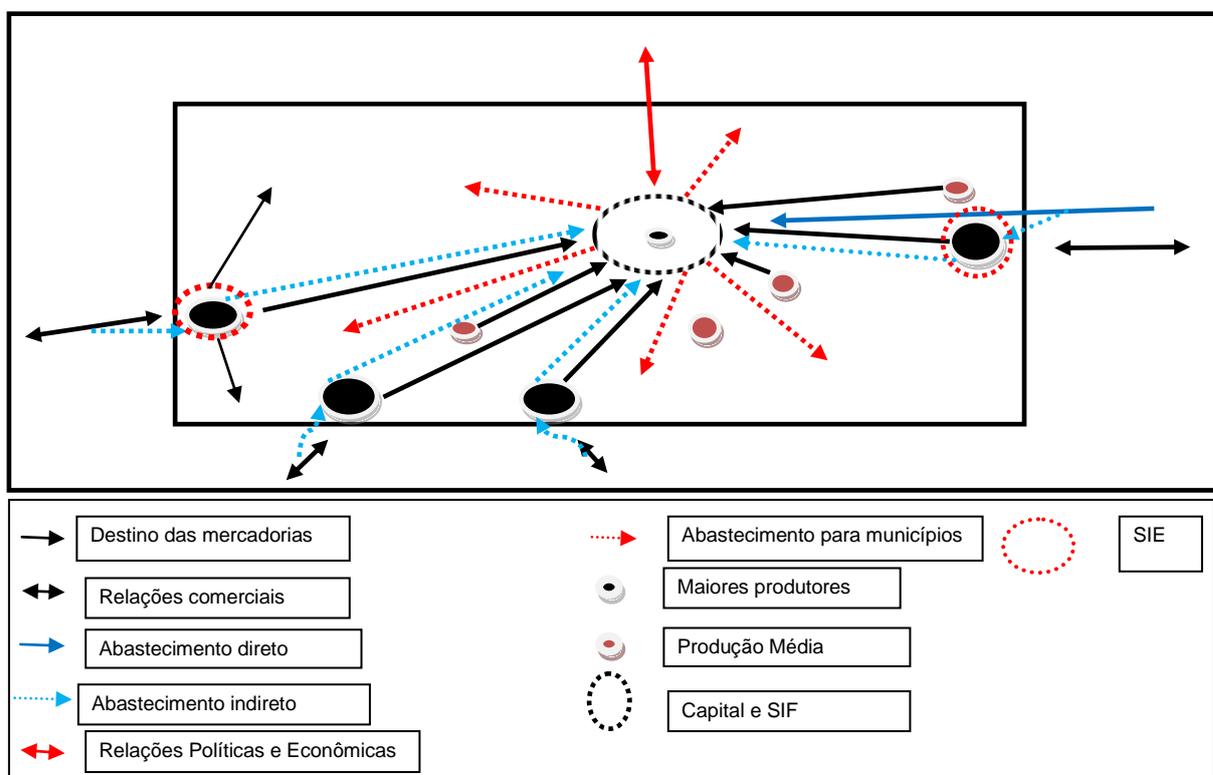


FIGURA 8: Organização espacial dos bovinos

ORG: Máximo Alfonso

Com exceção do município Boca do Acre, os outros estabelecimentos legalizados industrialmente, localizam-se próximo a Manaus, facilitando o transporte, que neste caso representa coesões sociais, políticas econômicas de diferentes escalas, pois representa uma territorialidade. Os municípios de Iranduba, Itacoatiara e Manaus, possuidores de matadouros frigoríficos legalizados apresentam-se como os abastecedores de carne para os municípios próximos, como: Presidente Figueiredo, Rio Preto da Eva, Manacapuru, Careiro, Careiro da Várzea entre outros implantando o território.

O boi vivo transportado para Manaus, com finalidade de ser abatido e comercializado são dos municípios próximos a capital. A comercialização desses animais inicia-se com a venda pelos produtores para os escritórios de intermediários, frigoríficos ou ainda para matadouros clandestinos.

Os intermediários comercializam animais adultos e jovens que vendem para o mercado interno e para outros estados. Manaus ao lado de Belém são os portos de exportação de carne da região norte abastece tanto internamente como outro estado, no caso de Manaus abastece Rondônia.

Uma das principais barreiras para a importação do bovino é o transporte, sobretudo de áreas de grandes distancias, pois causa estresse no animal que acaba perdendo peso, adoecendo e com isso causando grandes

perdas financeiras, porque, no momento do corte, o frigorífico irá cortar uma carne dura com pouca gordura, apresentando uma redução na venda e na rentabilidade do produtor.

A origem do gado que vai para Manaus, para abate, já citado, vem dos municípios do Amazonas próximo a capital, porém municípios de outros Estados também importam gado, como é o caso dos municípios de: Aveiro, Alenquer, Itaituba, Oriximaná, Óbidos, Trairão, Rurópolis, Monte Alegre e Uruará do estado do Pará que por meio de balsas até chegar a Manaus apresentam as dificuldades citadas acima. Roraima também fornece gado bovino para Manaus por meio da BR 174, como é o caso dos municípios de Caroebe, Rorainópolis, São Luis do Anuá e São Luis do Baliza.

O matadouro-frigorífico de Roraima (Mafir) irá vender bovinos abatidos para o Amazonas, sendo a primeira vez que o Estado faz esse tipo de negócio. Roraima irá exportar aproximadamente 60 toneladas de carne bovina por semana para um frigorífico em Manaus, a princípio com dois caminhões, cada um com 110 bovinos abatidos. A negociação foi possível, pois o Estado reconquistou em 2004 o selo correspondente ao Serviço de Inspeção Federal (SIF), sem o qual o Estado não tem autorização para exportar carne.

As produções pecuárias encontradas em Manaus servem para o consumo interno dos municípios enquanto a importação de gado bovino é para o abate e abastecer, sobretudo os municípios do Estado e de outros Estados.

Então, Manaus, devido a sua pouca quantidade de bovinos no seu município e principalmente a sua função econômica no Estado do Amazonas, atua como porto exportador de carne do Estado tendo como fornecedores de gado vivo para o abate, diversos municípios. As dificuldades encontradas na comercialização dos bovinos não impediram que Manaus continuasse de ser exportadora, ao contrario, foi por meio delas que os investimentos na infra-estrutura da capital contribuíram para esta função de fornecedora de carne.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pecuária na Amazônia está relacionada com diversos fatores, entre eles: o baixo custo de terra, as favoráveis condições naturais à pecuária, as áreas desmatadas já existentes, as explosões das exportações de carne e os investimentos das extrações de madeiras revestidas em tecnologias para a pecuária.

Os projetos agropecuários foram os primeiros incentivos fiscais para a pecuária, contudo por traz desses projetos estavam à entrega da Amazônia para os estrangeiros, os projetos voltados para a pecuária, se localizavam nos pontos que hoje, são os principais produtores de gado e carne da região.

O Pará, Mato-Grosso, Rondônia e Tocantins são os principais produtores de gado da região, eles possuem a maior concentração de bovinos da região amazônica, sendo assim eles abastecem a região por meio de animais vivos e carnes, o Amapá e o Amazonas são importadores líquidos destes Estados.

O Amazonas possui baixa produção de pecuária e de carne na região, contudo, com a expansão da pecuária na Amazônia, houve uma crescente na produção dessa atividade, com os investimentos em tecnologias adequadas para a região o Amazonas consegue atualmente se sobressair com o abastecimento dos municípios do Estado e fornece carne para outros Estados, como é o caso de Rondônia.

A baixa concentração de bovinos no Amazonas faz com que o Estado importe animais vivos de outros estados para o abate, como é caso do Pará e de Roraima, este último, pela BR 174 exporta boi vivo para Manaus e o Pará por meio de balsas também exporta boi vivo para a capital, no entanto o seu gado perde peso, pois há o estresse do animal durante a viagem, causando um menor rendimento com esses exportados do Pará.

Manaus, devido à função econômica que exerce no estado, por ser a cidade mais importante do Amazonas, tem o papel de fornecedor de carne para o Amazonas, pois na capital encontram-se dois matadouros legalizados industrialmente, que facilitam o comércio desses produtos pecuários. Manaus é a porta de saída de carne, porém só abastece localmente, ao contrario de Belém que exporta internacionalmente.

Portanto, o que acontece com o boi em Manaus teve influencia de forma direta e indiretamente dos acontecimentos em escala regional, sendo Manaus a fornecedora de produtos pecuários, pois sua função econômica e sua baixa concentração de bovinos contribuem para este fato.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIMA, Eugênio; BARRETO, Paulo; BRITO, Marky. Pecuária na Amazônia: tendências e implicações para a conservação ambiental. Belém: Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia, 2005.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Cadeia Produtiva da Carne Bovina. Antônio Márcio Buainain e Mário Otávio Batalha (Coordenadores). Brasília MAPA, 2007.

CASTRO, Josué de. Geografia da fome o dilema brasileiro: pão ou aço. 7ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FREITAS, Marcílio de. O Estado do Amazonas – projeções geoistóricas de um novo processo civilizatório. Manaus: Editora Valer, 2008.

MARGULIS, Sergio. Causas do Desmatamento da Amazônia Brasileira. 1ed. Brasília: Banco Mundial, junho de 2003.

NODA, Hiroshi; NODA, Sandra do Nascimento. Produção Agropecuária. Amazônia: uma proposta interdisciplinar de educação ambiental: temas básicos. Brasília IBAMA, 1994.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Integrar para não entregar. 2ed. Campinas, SP: Papirus, 1991.

_____. Amazônia: Monopólio, expropriação e conflitos. 5ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.

_____. A geografia agrária e as transformações territoriais recentes no campo brasileiro. In: CARLOS, Ana Fani A. (ORG). Novos Caminhos da Geografia. São Paulo: Contexto, 2002.

SCHLICKMANN, Helder; SCHAUMAN, Santiago Augusto. Pecuária, Desmatamento e Desastres Ambientais na Amazônia. Revista Ciências do Ambiente Online. Volume 3, Número 2, agosto de 2007.

SMERALDI, Roberto; MAY, Peter H. O Reino do Gado: Uma nova fase da pecuarização da Amazônia. São Paulo: Amigos da Terra- Amazônia Brasileira, 2008.

SOARES, Lucio de Castro. Amazônia. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia. Nº 8, 1963.

VALENTIM, Judson Ferreira; ANDRADE, Carlos Mauricio Soares de. Tendências e Perspectivas da Pecuária Bovina na Amazônia Brasileira. Amazônia: Ci. & Desenv. Belém, v. 4, n. 8, jan./jun. 2009.